

## Tradição e resistência no Cariri cearense: Uma pesquisa Fotoetnográfica no Engenho Padre Cícero, Barbalha/CE

*Tradition and resistance in Cariri, region from Ceará: A photoethnographic research in Padre Cícero Mill, Barbalha/CE*

**Marcelo Eduardo Leite**<sup>1</sup>  
**Leylianne Alves Vieira**<sup>2</sup>  
**Carla Adelina Craveiro Silva**<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta parte dos resultados alcançados pelo projeto Laboratório de Narrativas Fotoetnográficas, desenvolvido entre os anos de 2011 e 2013, na Universidade Federal do Cariri. Nele, o objetivo principal foi usar a fotografia como forma de reconhecimento de aspectos da sociedade local, especialmente aqueles ligados às tradições regionais. Hoje, elas estão submetidas a um rápido processo de transformação, que está levando algumas práticas tradicionais ao desaparecimento. Na abordagem aqui apresentada, lançamos luz sobre o engenho de rapadura Padre Cícero, localizado na cidade de Barbalha, sul do Ceará.

**Palavras-chave:** Fotoetnografia, Engenho de rapadura, Cariri.

### ABSTRACT

This article presents some of the results achieved by the project Laboratório de Narrativas Fotoetnográficas (Photoethnographic Narratives Lab), that has been developed between the years 2011 and 2013, at Federal University of Cariri. In this, the main objective was to use photography as a way of recognition of aspects from local society, especially those related to the regional traditions. Currently, they are submitted to a fast process of transformation, which is leading some traditional practices to the disappearance. On the approach presented here, we shed light on the Padre Cícero 'rapadura' mill, located on Barbalha, south of Ceará.

**Keywords:** Photoethnography, Rapadura Mill, Cariri.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela UNESP e Doutor em Multimeios pela UNICAMP. Professor Adjunto III na Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte CE. E-mail: [marceloeduardoleite@gmail.com](mailto:marceloeduardoleite@gmail.com).

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. Mestranda em Comunicação na Universidade de Brasília. E-mail: [leylianne.av@gmail.com](mailto:leylianne.av@gmail.com).

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. Mestranda em Comunicação na Universidade de Brasília. E-mail: [carla.a.craveiro@gmail.com](mailto:carla.a.craveiro@gmail.com).

## 1. APRESENTAÇÃO: O CAMPO DA PESQUISA

A região conhecida como Cariri cearense desperta a curiosidade de visitantes e pesquisadores por dois aspectos principais: a presença de uma cultura tradicional, expressada pelas manifestações culturais tradicionais típicas do interior do Nordeste e, também, pela acelerada transformação econômica e social, que com elas dissemina novas práticas e costumes. Este último fenômeno, por sua vez, se faz ligado ao manejo de novas tecnologias e da busca de novos mercados, sobretudo por empresas já consolidadas em outros centros e que estabelecem parcerias locais, especialmente com o poder público, que vê nelas a oportunidade de desenvolvimento econômico. Tais fluxos vêm construindo um ambiente bastante fecundo para reflexões e questionamentos, pois interferem na vida das pessoas de forma drástica, tocando em pontos bastante importantes, tais como a tradição, os costumes e, além disso, em novas possibilidades de trabalho. Foi nesse ambiente de questionamentos que procuramos entender melhor tais acontecimentos e decidimos fazê-lo por meio do uso da Fotografia, lançando mão de processos desenvolvidos historicamente para tal e que estão na zona de fronteira entre a Antropologia e a Comunicação.

Neste sentido, nossa proposta com este artigo é mostrar alguns dos resultados obtidos nas atividades do Laboratório de Narrativas Fotoetnográficas (LANAF)<sup>4</sup>, no qual procuramos problematizar tais fatos, vislumbrando não só o uso da fotografia, mas, também, construindo uma base histórica que promove, na observação realizada, uma ligação direta com o passado que não se dissolve totalmente no tempo presente. A ideia do trabalho proposto se origina em nossa própria observação do processo de transformação do Cariri, que tem modificado vários dos costumes locais.

Com apenas 100 anos de emancipação, Juazeiro do Norte, no decorrer do século XX, apresentou-se inicialmente como local de devoção e peregrinação religiosa. Esse foi o seu primeiro impulso e que lhe trouxe um fluxo migratório contínuo. Aos poucos, a cidade configurou-se em importante centro comercial e de serviços que atende, além do estado do Ceará, parte da Paraíba e do Pernambuco. No século XXI, essa vocação de centro regional se acentuou. Números do IBGE mostram que, no ano 2000, o número de habitantes era de 212.000 pessoas, passando para 250.000 em 2010. Ao somar-se a área que compreende ainda as cidades de Crato e Barbalha, municípios fronteiriços, o salto é de 364.000 para 433.000 no mesmo intervalo de tempo. A Região Metropolitana do Cariri<sup>5</sup> conta atualmente com uma população estimada de 800 mil habitantes. Essa mudança rápida dá indícios de que, no bojo desse processo, a cidade de Juazeiro do Norte apresenta vários problemas com relação ao seu desenvolvimento, com grande desigualdade de oportunidades e de renda, além do tensionamento ligado à chegada de novos modelos e suas sobreposições a práticas existentes. Assim, a cidade de Barbalha, muito mais antiga que Juazeiro do Norte, cuja ocupação se deu ainda no século XVII, hoje é paulatinamente incorporada pelo processo de conurbação urbana.

Quanto ao desenvolvimento da proposta, seguimos três etapas nas quais avançamos nossa pesquisa: a reflexão desenvolvida no âmbito do grupo sobre o uso da fotografia na pesquisa de campo, um levantamento sobre a história do trabalho em análise (neste caso, os Engenhos de Rapadura), e, finalmente, a apresentação e discussão das séries desenvolvidas no projeto. Assim, o desenvolvimento se deu dentro de um processo que envolveu desde a pesquisa histórica, a aproximação com relação ao ofício estudado, para depois termos o contato direto com a realidade para desenvolvermos o material imagético. Após a análise, retornamos ao campo para novas séries de imagens no intuito de suprir lacunas.

<sup>4</sup> O Laboratório de Narrativas Fotoetnográficas fez uso de metodologias da Antropologia Visual para conhecer questões ligadas aos processos de transformação da Região Metropolitana do Cariri. O mesmo se desenvolveu entre os anos de 2011 e 2013 e suas atividades ocorreram no âmbito do Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos, do CNPq/UFCA.

<sup>5</sup> A Região Metropolitana do Cariri foi criada pela Lei Complementar Estadual nº 78, de 26 de junho de 2009 e abrange as cidades de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. Disponível em: <<http://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2009/lc78.htm>>. Acesso em 27 jun. 2012.

## 2. ANTROPOLOGIA, FOTOGRAFIA E COMUNICAÇÃO

Apesar de usar procedimentos metodológicos mais próximo da área das Ciências Sociais, a pesquisa, cujos resultados são aqui apresentamos, foi realizada no âmbito de um curso de Bacharelado em Jornalismo. A escolha se deu por acreditarmos que eles promovem um importante aprofundamento com relação ao uso da fotografia em campo, agregando conhecimento sobre suas potencialidades do seu uso e, ainda, fomenta uma análise crítica sobre seus conteúdos. Ao desenvolvê-los, a atenção com relação ao espaço é fundamental, sendo que o pesquisador que vai ao campo deve estar atento a todo o ambiente que o cerca. Roberto Cardoso de Oliveira afirma que se deve seguir três etapas básicas e constitutivas da apreensão do fenômeno social: o olhar, o ouvir e o escrever (2006, p. 18). Tendo isto em mente, o autor define seu caminho de observação e sua forma de busca dos elementos intrínsecos ao grupo estudado.

Sendo assim, podemos perceber que tanto o fenômeno social quanto a própria cultura se formam a partir da interação entre o homem e as práticas sociais coletivas e individuais que o cercam no cotidiano. De forma semelhante, “[...] um hábito cultural somente pode ser analisado a partir do sistema a que pertence” (LARAIA, 2005, p. 87), apontando para a necessidade de o pesquisador ter um embasamento no que se refere à história daquele grupo e de suas práticas. Laraia completa que para entender a lógica de um sistema é necessário que se analise e compreenda as partes separadas que o constituem (2005, p. 93).

Uma vez estabelecida a inserção no campo de estudo e definidos os parâmetros que guiarão o tratamento das questões pertinentes à realidade analisada, ao pesquisador designa-se a tarefa de construir inferências sobre a problemática de seu trabalho. Ele arquiteta pareceres que não visam esgotar as possibilidades de interpretação do fenômeno, mas articular as relações e especificidades identificadas a partir da observação.

A fotografia é, em sua essência, fruto do ato de observar e guarda na ordenação dos elementos de sua superfície tanto o caráter sintético quanto o polissêmico. O primeiro, pela expressão de aspectos que, por meio de cenas e detalhes, trazem subsídios para o melhor conhecimento de um dado contexto; o segundo, pelas inúmeras formas de apreensão da mensagem que a representação fotográfica permite, promovendo assim uma incursão pelo universo dos valores e significações pessoais de quem a tal mensagem se submete. A fotografia surge, então, como uma importante prática no sentido da constituição dos discursos voltados para o entendimento de realidades culturais.

Desta maneira, firma-se uma relação entre o fazer antropológico e o fotográfico. Ambos prezam pela capacidade que o elemento observado - aquele a respeito do qual a análise se funda por intermédio de um contato que envolve, simultaneamente, aproximação e estranhamento, sendo, portanto, o outro sobre quem se pretende aprofundar a compreensão - possui de falar sobre si, a partir de elementos oriundos dos distintos e interdependentes âmbitos de sua cultura. Se os procedimentos da Antropologia são realizados no intuito de suscitar descrições e interpretações dos processos de construção e troca simbólica em determinado meio social, a fotografia se apresenta como modo e como instrumento para o alcance de tais objetivos.

Baseando-se em tais premissas os trabalhos da antropologia visual são desenvolvidos. Nela, não desprezando as outras duas etapas da apreensão do fenômeno, o olhar sobre o qual discorre Oliveira (2006) deve estar bem mais apurado. É nesse exercício do olhar, no vasculhar do ambiente com a intencionalidade de esmiuçar gestos, práticas e situações, que o condutor das reflexões se propõe a usar a imagem como meio de conhecimento. Logo, a fotografia pode ser utilizada como ferramenta do percurso antropológico, como um recurso narrativo. No princípio dos trabalhos de caráter antropológico, ela foi utilizada de forma ilustrativa, visando apenas à comprovação de que o pesquisador havia estado no campo, como uma prova definitiva da cultura do grupo estudado, não traduzindo as conclusões do pesquisador (GODOLPHIM, 1995, pp. 162 - 163). Tais práticas ocorriam porque as intenções do uso da

imagem direcionavam-se para “[...] o conteúdo, para uma alternativa ‘mais segura’ e mais ‘objetiva’ de registro das observações de campo. A câmera era considerada quase um instrumento de precisão.” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 49).

Historicamente, algumas abordagens exploraram a fotografia direcionando-a a utilização como um instrumento de pesquisa, uma vez que “[...] trata-se de produzir registros de imagens que nos ajudem a descrever de forma eficiente não a cultura material em si, mas os significados intrínsecos dos usos sociais da cultura material [...]” (GODOLPHIM, 1995, p. 167). Em sentido mais amplo, a fotografia pode ser entendida como uma forma de ajudar na descrição do ambiente estudado, reconstituindo tanto as relações intersociais, quanto do sujeito com o meio. Esta característica própria da imagem fotográfica possibilita a feita da narrativa, especialmente em função da disposição dos elementos no espaço da fotografia, da mesma forma que, nos termos de Guran, “[...] ela registra ainda o fugidio, o apenas entrevisto, o inusitado, e, desta forma, abre novas perspectivas para a observação de um fato.” (2011, p. 85).

De acordo com Magni (1995), ao se analisar uma fotografia de cunho antropológico, a mesma deve ser entendida pelos elementos que ela contém representados, tais como, espaços, objetos e corpos, no entanto, devemos ir além: “[...] não basta relacionar os elementos de cunho material – é preciso entender o seu significado no que concerne ao modo de vida do grupo” (1995, p. 146). Nesse sentido, a narrativa formulada a partir do cotidiano do sujeito aponta para o significado daquela prática, para o modo como ele se construiu e se modificou ao longo do tempo.

Sendo assim, nos lançamos ao campo com uma metodologia pautada por estas reflexões. Nossa pesquisa faz uso da fotografia como forma de buscar o maior número possível de dados sobre a relação entre os indivíduos estudados e as transformações sociais que eles vivem, de forma que trabalhamos a fotoetnografia, uma modalidade de etnografia produzida a partir da narrativa visual. Assim, a linguagem fotográfica possibilita a melhor compreensão da complexidade do espaço estudado que, nesse caso, se faz presente dentro de um contexto urbano rapidamente modificado pelas tecnologias.

A narrativa que propomos foi desenvolvida por meio de séries de imagens que têm relação entre si, construindo um discurso sobre a maneira como algumas formas de trabalho vem sofrendo modificações e intervenções do meio e mesmo daqueles que a exercem. Como dito, aqui apresentamos os trabalhadores dos engenhos de rapadura.

Usar recursos de imagem para relatar fatos, mesmo que sendo uma prática corriqueira e comum na sociedade contemporânea, em um caso específico de reconhecimento da cultura do outro, nos cobra formas mais detidas de obtenção de informações que se antecedem ao uso da fotografia no campo. Nesse sentido, um estudo que preceda a incursão no campo é fundamental para o reconhecimento das características do grupo e sua subjetividade. Não basta ser fotógrafo, mas ser um observador que preze pela pluralidade no reconhecimento do outro.

Destaca-se, portanto, que deve haver certa precaução com relação às interferências do pesquisador diante do fenômeno observado, pertinência da série a ser documentada e critérios de organização do material que, quando selecionado, passa a ser, desta forma, o texto visual que mostra o fenômeno observado.

### 3. OS ENGENHOS DO CARIRI CEARENSE: A RESISTÊNCIA DE UMA PRÁTICA

Os primeiros colonizadores chegaram à região do Cariri cearense no início do século XVII. De acordo com a historiadora Maria Yacê Carleial Feijó de Sá (2007), foi nesta época que se deram as primeiras interações significativas entre o povo local e os colonizadores (2007, p. 33). Após este período de forte convívio, as fazendas e engenhos passaram a estar mais bem distribuídos na região.

A povoação do Cariri começou a partir da divisão e distribuição das sesmarias, o que se deu, provavelmente, entre os anos de 1660 e 1680 (SÁ, 2007, p. 33). Ainda de acordo com a historiadora, “a conquista dos sertões cearenses seguiu um padrão de lutas constantes e aguerridas com os indígenas, em disputas pelo território” (SÁ, 2007, p. 34).

O grande interesse pelo Cariri se deu em função de suas características geográficas, tendo em vista que “[...] o Cariri não é caracterizado exclusivamente nem como sertão, nem como litoral, mas recebe a influência de ambos” (VERÍSSIMO, 2003, p. 130). A riqueza da terra tanto possibilitou o cultivo da cana, nos extensos brejos de municípios como Barbalha e Crato, como a criação do gado e a cultura de subsistência em praticamente todos os municípios. “Tais características bem cedo apontaram outras possibilidades de ocupação produtiva da terra, além da pecuária” (SÁ, 2007, p. 34).

Os brejos do Cariri, desde a época da distribuição das sesmarias, já passaram a ser tomados pela plantação da cana-de-açúcar, de forma que antes mesmo de 1725 já funcionavam as primeiras estruturas que fabricavam o melado e a rapadura na região; no ano de 1765, estima-se que já existiam 37 unidades fabricando mel e rapadura no Cariri (SÁ, 2007, p. 36-37). Esta interação está arraigada de tal forma no desenvolvimento da região que Veríssimo afirma que “o cultivo da cana-de-açúcar e seus engenhos deixaram marcas coloniais na economia da região, que questionou a chegada das primeiras usinas e a poluição de suas águas” (2003, p. 130).

Segundo Figueiredo Filho (2010)<sup>6</sup>, a região do Cariri nunca teve engenhos movidos a braços humanos, apenas para uso exclusivamente doméstico (a fim de fornecer garapa de açúcar), de forma que os engenhos puxados a bois, os econômicos engenhos d’água e os movidos à força motora foram os mais encontrados na região (2010, p. 12-13). O primeiro engenho d’água do Cariri parece ter sido o *Cabreiros* (Crato – 1785) ao passo que o primeiro engenho a utilizar da força motriz foi o do *Sítio São José* (Crato – 1822) (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 13, ).

Ainda no século XVIII, o processo de divisão dos territórios das sesmarias enfrentou um processo de acentuação, fato atribuído às sucessões hereditárias, dando origem aos chamados sítios, espaços agricultáveis ocupados de diferentes formas:

Apesar da importância da cana-de-açúcar que lhes ocupava as áreas mais úmidas e férteis, os sítios do Cariri não se *especializaram* nesta cultura. A região caracterizou-se por uma produção diversificada, numa economia atípica em relação ao Nordeste monocultor do açúcar (SÁ, 2007, p. 38).

A procura pela região do Cariri, ao longo do tempo, se deu em função de suas características físicas e climáticas, especialmente “as serras e as regiões ao pé das chapadas (como o vale do Cariri) se apresentam, pois, com verdadeiras ilhas de umidade, condensadoras de gente e tem sido refúgio das populações sertanejas no tempo das secas” (STERNBERG, 1958, p. 8).

Muitos dos retirantes que para o Cariri se dirigiam, vinham em busca de trabalho e melhores condições de vida. O surgimento de atividade mineradora em Missão Velha, por volta de 1752, foi um dos acontecimentos extraordinários que mais atraiu as correntes migratórias. Os aventureiros vinham de estados próximos, tais como Sergipe, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Pernambuco (SÁ, 2007, p. 41).

<sup>6</sup> Fac-símile da edição de 1958, publicada pelo Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro.

No entanto, como a extração do ouro durou apenas cerca de seis anos, os recém-chegados buscaram trabalho em outras áreas, como a pecuária, a agricultura, a vaquejada e os engenhos (SÁ, 2007, p. 41). “O que atraía muitos homens pobres a estas atividades, além da certeza de não passar fome e precisão, era a possibilidade de receber a permissão de construir, em pequena nesga de terra, uma morada rústica para os seus” (SÁ, 2007, p. 42).

Já na última década do século XIX, a imagem e a crença no Padre Cícero foram os principais fatores de atração populacional para o Cariri. Os fiéis se dirigiam a Juazeiro do Norte em romarias, e acabavam por se instalar na região:

No início [as romarias] foram motivadas por um milagre que teria ocorrido ali, em 1889 [...] Com o passar dos anos as romarias foram se acentuando. E o que no início existia em virtude do milagre foi, pouco a pouco, sendo motivado pela presença do Padrinho Cícero, figura já tomada por santo e protetor dos romeiros [...] Até meados do século XX, as romarias eram feitas, sobretudo, a pé (levavam muitos dias e exigiam sacrifício). Com o processo de popularização do uso do caminhão como meio de transporte das classes populares brasileiras a partir de meados do século XX, o vulgarmente chamado “pau-de-arara” tornou-se por excelência o meio de transporte dos romeiros (BRAGA, 2010, p. 149-150).

Neste cenário de crescimento tardio, mas veloz, da região dos chamados Cariris Novos (para diferenciar do Cariri de Pernambuco), destaca-se o município de Barbalha, que foi denominada ‘freguesia’ apenas no ano de 1838 e passava a cidade já em 1876. De acordo com Sá (2007),

[...] ao longo desses anos em que Barbalha se destacava dos burgos vizinhos, a plantação de cana e o trabalho em engenhos se tornavam, não só a atividade produtiva dominante, mas elemento determinante na formação social e cultural daquela população (2007, p. 43).

Vale destacar que no ano de 1858 existiam 72 engenhos na região de pé de serra e brejo de Barbalha, ao passo que, em toda a região do Cariri, eram contabilizados cerca de 300 (SÁ, 2007, p. 45). Em compensação, em 1954 Barbalha contava com 64 engenhos, sendo 61 movidos à força motriz, um a bois e três à força da água; naquele ano, o Cariri contava com cerca de 305 engenhos (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 69).

A rapadura se destaca no cenário caririense, assim como em todo o sertão, por ser um produto acessível e que vem alimentando o nordestino em tempos de seca e fome. De acordo com Figueiredo Filho (2010), a rapadura é “o verdadeiro alimento de poupança do nordestino” (2010, p. 55), uma vez que, em tempos passados, ele a utilizava tanto para a própria alimentação como para a dos animais de carga.

Quanto às atividades nos engenhos, descrevemos aqui algumas das principais funções realizadas pelos trabalhadores, ao longo de toda a cadeia produtiva da rapadura, nas mais diversas épocas de beneficiamento da cana:



- a) *Aguador*: o homem que irrigava a cana; os trabalhadores abriam e fechavam valetas, sucessivamente, permitindo que a água se direcionasse até a porção de terreno próxima às canas. Esta função desapareceu na década de 1970, quando a irrigação passou a ser realizada por meio de encanamentos (SÁ, 2007, p. 163-164);
- b) *Cambiteiro*: este era o homem responsável pelo transporte da cana sobre animais (especialmente o burro), após a mesma ter sido cortada e amarrada em feixes. A partir da década de 1950, os tratores passaram, gradativamente, a substituírem esta função (SÁ, 2007, p. 164);
- c) *Tombador*: após a cana ter sido levada até as imediações do engenho, este é o homem responsável por conduzi-la até um local coberto e vizinho à moenda (SÁ, 2007, p. 165);
- d) *Metedor de cana*: funcionários que fazem a cana passar pela moenda. Este trabalho é duro e exige muita atenção do funcionário, uma vez que a velocidade de esmagamento da cana é muito alta e o trabalho árduo pode acabar na perda de alguma parte do corpo daquele (SÁ, 2007, p. 165);
- e) *Bagaceiro*: homem responsável pelo ajuntamento e transporte dos bagaços de cana e pela disposição dos mesmos em local adequado a fim de que sequem. Esta função se fez muito importante a partir do momento no qual o bagaço seco da cana passou a ser utilizado como combustível barato para alimentar a fomalha (SÁ, 2007, p. 166-167);
- f) *Botador de fogo*: homem responsável pela constante alimentação do fogo das fomalhas. Usam varas e ganchos a fim adicionar o bagaço seco ao já em chamas (SÁ, 2007, p. 169);
- g) *Homem do ponto*: funcionário que adiciona alguns ingredientes ao melaço, responsáveis pela cor do produto, pela qualidade e mesmo pelo sabor (SÁ, 2007, p. 172);
- h) *Caixeador*: homem que recebe o mel após passar por cerca de quatro gamelas. Ele deve mexer o produto com grande velocidade por alguns minutos e, em seguida, encher as caixas e alisar a sua superfície, dando forma ao produto (SÁ, 2007, p. 175);
- i) *Emalador*: funcionário responsável por guardar e acondicionar a rapadura (SÁ, 2007, p. 176).

Estes eram e, em parte, são os homens responsáveis pela feitura dos produtos do engenho, principalmente da rapadura. Os engenhos caririenses, hoje, estão ficando cada vez mais escassos: de acordo com a Secretaria de Agricultura de Barbalha, esta cidade hoje conta com apenas 11 engenhos em funcionamento<sup>7</sup>. No entanto, especialmente em épocas de romaria, os engenhos ainda recebem ônibus deromeiros, que ali buscam suas lojinhas e adquirem os seus produtos.

<sup>7</sup> Informações levantadas no primeiro semestre de 2012.

Neste contexto, demos início ao nosso trabalho no Engenho Padre Cícero<sup>8</sup>, de propriedade do senhor Antônio Sampaio e em funcionamento desde o ano de 1907. Hoje o engenho trabalha especialmente com encomendas para o estado de São Paulo e emprega cerca de 60 pessoas. Em épocas de romaria<sup>9</sup> o engenho recebe cerca de 90 ônibus deromeiros, sendo este o período do ano de comércio mais expressivo. Assim, o espaço escolhido para ser estudado nos evidencia alguns dos questionamentos que deram origem ao nosso projeto, o das mudanças em curso, da decadência de certas práticas e, também, da resistência delas diante do exposto.

#### 4. CONSTRUINDO NARRATIVAS FOTOETNOGRÁFICAS: O OFÍCIO NOS ENGENHOS

Uma vez feito o levantamento acerca de várias das dimensões do nosso objeto de estudo, o Engenho de Rapadura, seguimos para o trabalho de reconhecimento fotográfico, dando ao registro do acontecimento contemplado, o espaço para ele construir sua própria lógica diante de nós. Segundo Collier Jr., tal abordagem fotográfica dos modos de fazer de um determinado meio tem dois objetivos, ao ter contato com “[...] a operação gradual de seu artesanato e a relação da indústria com o total da cultura. O primeiro objetivo é alcançado através da ampla amostragem, o segundo, por um esquema de observação extensiva.” (1973, p. 40). Nossa perspectiva foi a de, por meio do levantamento das várias etapas da produção da rapadura, realizar séries que mostrassem esse ofício. Nesse sentido, a fotografia em nossa pesquisa tem um papel que converge com as observações de Nobre e Gico (2011):

[...] as imagens fotográficas possuem a peculiaridade de conter na sua composição a história social de determinados universos sociais, modos de vida, agentes sociais, hábitos e costumes, gestos, comportamentos e transformações de aspectos físicos e culturais ao longo do tempo [...] (NOBRE; GICO, 2011, p. 115).

O levantamento feito acerca da produção da rapadura na região nos levou à escolha do Engenho Padre Cícero. Nossa aproximação se deu tendo algumas percepções iniciais, visando mostrar a espacialidade do engenho, demarcado por divisões específicas que refletem as etapas do trabalho, e acompanhar estas mesmas etapas, fazendo registros dos fenômenos observados. Também tivemos o cuidado de utilizar as fotografias como forma de representar, apresentar e entender a feitura da rapadura no engenho estudado. Seu uso nos permitiu narrar ações e características próprias desse espaço e de seus personagens por meio da elaboração de séries imagéticas, ampliando as possibilidades interpretativas a partir da exploração da natureza objetiva e, ao mesmo tempo, subjetiva da imagem. Construímos, assim, os percursos analíticos de nossa proposta respeitando as singularidades que a diferenciam de outras formas de apreensão dos fenômenos sociais, pois, “[...] não é mais possível dissociar a descrição da interpretação e o que nós produzimos não é uma simples reprodução do real mas necessariamente uma impregnação de sentido” (PIAULT, 2001, p. 161).

Nossa proposta metodológica é tributária às possibilidades difundidas pela Antropologia Visual, por meio da qual a imagem fotográfica é utilizada no reconhecimento e interpretação dos fenômenos sociais. Essa perspectiva não só faz dessa possibilidade uma forma de apreensão da cultura estudada, mas também se apresenta como uma ferramenta para a própria condução do pesquisador dentro dessa mesma realidade.

<sup>8</sup> Informações cedidas pelo proprietário do engenho, em entrevista realizada no dia 24 de abril de 2012.

<sup>9</sup> Segunda metade do ano, começando no mês de setembro, seguindo até fevereiro.



Foi por meio desse percurso imagético e de sua capacidade de introdução no meio que obtivemos alguns resultados acerca das questões levantadas nas pesquisas iniciais, uma vez que as mesmas deram um panorama preliminar. Destacamos ainda que esse levantamento foi fundamental para entendermos como entraríamos (imageticamente) neste espaço. Assim o viés Antropológico da aproximação é de fundamental importância.

Sobre ela, nos diz Achutti:

Como possibilidade de crescimento intelectual daquele que venha a realizar a documentação fotográfica de realidades socioculturais, estão os pressupostos teóricos e as maneiras de olhar de olhar consagrados pela Antropologia (1997, p. 37).

Ou seja, não falamos aqui de um olhar qualquer, mas sim de um mecanismo de reconhecimento da cultura do outro e suas particularidades. Ao realizarmos nossas séries, optamos por um aprofundamento nas evidências trazidas no estudo preliminar, as quais mostraram a lógica da divisão do trabalho no engenho e as variadas funções dentro desta mesma produção. Assim demos atenção a cada uma das etapas do trabalho de produção.

Para Milton Guran a fotografia “[...] propicia uma descrição mais completa e detalhada de situações complexas [...] ela pode, por exemplo, marcar etapas de um ritual, destacar a posição precisa de personagens, seus gestos, indumentárias [...]” (2000, p. 162). E foi isso que aconteceu, as séries foram nos permitindo compreender o fenômeno de uma maneira que, sem elas, não aconteceria. Tal incursão nos exige “[...] empenho, método e criatividade a fim de registrar, relatar a cultura do outro para o grupo que nós inserimos” (ACHUTTI, 1997, p. 38).

Dessa maneira fizemos uso da fotoetnografia, uma forma de incursão que capacita o pesquisador para um aprofundamento sistemático baseado na realização de um reconhecimento amparado por etapas distintas, levantamento da realidade a ser estudada, uso da fotografia para entender melhor esta mesma realidade e, finalmente, uma reflexão sobre o material produzido. Sendo que esta última etapa auxilia diretamente o andamento do trabalho, indicando a necessidade de retorno a alguns espaços e, também, mostrando coisas que não havíamos notado quando as realizamos.

Com o decorrer do processo de desenvolvimento das séries de imagens, as fotografias foram formando grupos definidos em três categorias: trabalho externo, trabalho interno e detalhamento do espaço interno, sobretudo objetos referentes ao cotidiano de trabalho. As imagens que fomos desenvolvendo foram, posteriormente, analisadas e suas informações juntadas aos dados levantados sobre a lógica do referido ofício, assim elas foram fundamentais para entendermos o assunto. Optamos por sequências do mesmo processo, pois percebemos que tal técnica nos permite entender melhor o trabalho em questão.

A seguir veremos as sequências fotográficas desenvolvidas e que mostram o trabalho e as funções realizadas. Na Sequência nº 1 vemos aquilo que é feito com o objetivo de reaproveitar o bagaço da cana que, depois da extração do líquido, é levado para secagem, para em seguida alimentar o fogo das fomalhas. O senhor que exerce essa função, aqui apresentado, nos contou ter trabalhado em diversas etapas dentro do engenho e hoje se encontra realizando uma das que mais demanda atenção e um trabalho contínuo: alimentar o fogo das fomalhas.

O senhor em questão foi um dos trabalhadores do engenho que mais se mostrou interessado em falar acerca da cotidianidade naquele espaço. Dando relevo ao fato de não querer que seus familiares se dediquem a esta função, uma vez que o mesmo não teve a oportunidade de estudar. Nesta sequência,

enfaticamos o movimento contínuo de alimentação do fogo da fornalha, mas, ao longo da aproximação enfocamos os tipos de ferramentas utilizadas, os riscos da ação e também a indumentária do trabalhador.



**Sequência nº 1: Botador de Fogo alimentando o forno com restos de cana de açúcar.**

Fonte: Acervo LANAF

Na Sequência nº 2, vemos o homem do ponto, cujo trabalho consiste em adicionar alguns elementos, líquidos e em pó, que dão a cor, o ponto e o sabor do produto. A proporção de tais substâncias é uma espécie de segredo deste trabalhador, não sendo a mesma compartilhada com os outros funcionários. Caso o melaço não atinja o ponto correto para a rapadura, o produto não pode ser finalizado, sendo transformado em alimento para os animais do engenho, tais como porcos e burros. As fotografias nos permitem observar o vapor quente que sobe enquanto ele mexe a fornalha, destacando ainda a precisão e velocidade dos movimentos que são necessários neste momento.

A incursão pela parte interna do engenho foi dificultada em função do modo como aqueles trabalhadores lidam com o ofício e entre eles mesmos. Fazem quase todo o serviço sem dialogar, atentos ao ponto do mel ou do melaço, dependendo da função que exercem. Neste espaço, uma atitude equivocada pode significar prejuízos para o empreendimento.



**Sequência nº 2: Fornalheiro, cuja função é preparar a segunda gamela de melaço.**

Fonte: Acervo LANAF

Ao analisarmos as fotografias da etapa acima vimos claramente alguns aspectos que, sem o uso da imagem, poderiam passar despercebidos. A força necessária para dar o ponto ao melaço, a precisão nos gestos do homem do ponto, que deve passar todo o tempo pondo o líquido em movimento, as condições de trabalho, expostas à fumaça e ao calor, bem como a forma como alguns funcionários do engenho preferem trabalhar: sem camisa, usando boné e sapatos fechados, trajas estes que demonstram certa despreocupação e destacam o porte físico daqueles que trabalham em funções que demandam maior esforço dentro do engenho.

Abaixo, na Sequência nº 3, podemos ver mais uma etapa da rotina de trabalho no engenho, especificamente a função de Caixeador, que é quem coloca o mel nas formas, as chamadas caixas. Ao

desenvolvermos essa série, percebemos a velocidade imposta por este funcionário, responsável por dar à rapadura a forma como ela será comercializada.

O caixeador é um dos personagens principais do engenho. Dele depende a qualidade estética (sensível) do produto. O trabalho consiste em esfriar o melaço até que fique na temperatura adequada para ser posto nas caixas, formas retangulares contendo a assinatura do engenho – neste caso, AS, referente ao nome de seu proprietário. Além disso, a parte inferior do produto deve estar lisa e toda a porção exterior sem bolhas de ar.



**Sequência nº 3: Caixeador, responsável por enformar a rapadura.**

Fonte: Acervo LANAF

Na Sequência nº 4, vemos a derradeira etapa da produção, quando é organizado o material já embalado, assim eles são divididos por tipo, tamanho e quantidade, direcionando-as aos seus compradores. Dois trabalhadores se dedicam à embalagem, enquanto um terceiro desenforma as peças e as transporta até este pequeno quarto. Os pacotes podem conter 50 ou 100 rapaduras, dependendo da encomenda. O engenho Padre Cícero também mantém uma pequena venda, na qual o visitante pode adquirir alguns de seus produtos.



**Sequência nº 4: Na etapa final, homens organizam as rapaduras para entrega.**

Fonte: Acervo LANAF

Ao longo de nossa experiência, percebemos o interesse maior de alguns trabalhadores. Além das pessoas envolvidas diretamente na produção, as imagens ainda apresentam parte do local onde as atividades acontecem: muitos objetos pessoais estão dispostos ao longo das janelas, bem como algumas cadeiras podem ser vistas no segundo plano. Destacamos ainda, mais uma vez, o uso do boné e o porte físico do trabalhador. Ou seja, além da própria possibilidade de compreensão do fenômeno que a aproximação fotográfica permite, ela ainda nos indica várias das dimensões do ofício e da lida dos funcionários com o meio, o que contribui com a compreensão do fenômeno de uma forma mais ampla.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que aqui apresentado nos permite entender não só o objeto pesquisado, mas também as necessidades e possibilidades da prática fotoetnográfica. Suas etapas de realização suscitam o instaurar de uma relação dialógica com os trabalhadores do engenho. O interesse que nos move é questionado e provocado pelas posturas e gestos dos feitores de rapadura, simultaneamente, eles expressam, nos seus atos seriados e na forma como lidam com a rotina de trabalho, saberes que abrigam significados essenciais para a compreensão das atividades produtivas historicamente estabelecidas na região do Cariri. Entendemos que tal relação não reclama necessariamente a verbalização, pode também ser construída pelo querer do olhar atento, o qual parte tanto dos que se colocam como observadores, quanto dos que estão no lugar de observados.

Nesse sentido, percebemos que há uma tendência natural do retratado em buscar informações sobre o trabalho que ali está sendo realizado, fazendo perguntas e, principalmente, observando atentamente a atuação nas tomadas das imagens. Pode-se inferir que no decorrer desse processo, em alguma medida, os papéis de observador se invertem. O uso da fotografia mostra-se, então, pertinente para a apreensão dessa troca simbólica, pois, nela os anseios de pesquisadores e pesquisado coexistem, compondo um panorama cujo entendimento cumpre os objetivos do trabalho, aprofundando o conhecimento sobre o meio cultural estudado e evidenciando sua importância em um contexto social mais abrangente.

.Constatamos a necessidade de tomar alguns cuidados com a finalidade de assegurar o desenvolvimento da proposta metodológica. Durante as visitas, por exemplo, tivemos a cautela de posicionar apenas um pesquisador em cada ambiente, tanto para diminuir as possibilidades de interferência no fenômeno observado, quanto no intuito de que os mesmos não fossem apresentados nas imagens. Procuramos, dessa forma, manter um quadro imagético que contenha a informação específica do que nos propomos a estudar.

Sendo assim, o percurso da pesquisa nos possibilita saber como o trabalho dos engenhos está sendo realizado hoje, o que persiste e o que se transforma, destacando-se a tenacidade de algumas práticas e a adequação do modo de distribuição comercial ao recente contexto sócio-econômico. As incursões abrem caminhos para a percepção de como o labor é executado, destacando trajes e instrumentos que foram modificados com o tempo, se comparados ao que a literatura aponta como sendo o que já foi utilizado. De forma semelhante, também se pode perceber que o trabalho nos engenhos continua tomando para si parte da vida dos funcionários, uma vez que eles passam grandes períodos de tempo naquele espaço e levam até ele objetos pessoais, como é o caso de garrafas de café.

Com relação à lógica de trabalho e aos equipamentos, fica evidente que as maneiras de se produzir ainda são eficazes. Ou seja, as razões para decadência dos engenhos na região são de outra ordem e não dizem respeito às formas de produção ou ao tipo de tecnologia usado, mas sim reflexo das mudanças no costume da população com relação ao consumo da rapadura. Segundo o proprietário do Engenho Padre Cícero, a maior parte da produção é vendida para a região Sudeste ou para consumidores eventuais, especialmente ligados à Romaria, ocasiões nas quais os engenhos voltam a funcionar. Essa realidade também nos mostrou que os trabalhadores do engenho têm outras atividades, sendo convocados quando é necessário, mantendo mesmo que de forma esporádica uma prática tradicional do Cariri Cearense.

A fotografia carrega informações e percepções que geralmente o olhar presencial não capta, uma vez que muitos fatos ocorrem ao mesmo tempo. Desta maneira, destacamos a relevância das fotografias a fim de facilitar a reflexão acerca das práticas, especialmente aquelas que se apresentam como resistentes dentro de uma cultura que vem absorvendo rapidamente as novas tecnologias e as demandas de novos mercados.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia. Porto Alegre: Tomo Editorial; Livraria Palmarinca, 1997.
- BRAGA, Antônio Mendes da Costa. Devoção, lazer e turismo nas romarias de Juazeiro do Norte, CE: reconfigurações romeiras dos significados das romarias a partir de tensões entre as categorias turismo e devoção. **Revista de Estudos de Religião**, vol.1, nº 1, 2010, p. 149-161.
- COLLIER JR, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU, 1973.
- FIGUEIREDO FILHO, José de. **Engenhos de Rapadura do Cariri**: Documentário da Vida Rural. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. In: **Horizontes Antropológicos**, ano 1, n. 2, p. 161 – 185, jul./set. Porto Alegre, 1995.
- GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. In: **Discursos Fotográficos**. (UEL) v.7, n. 10, p. 77-106, jan/jun. Londrina, 2011
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
- MAGNI, Claudia Turra. O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes da rua. In: **Horizontes Antropológicos**, ano 1, n. 2, p. 141 – 149, jul./set. Porto Alegre, 1995.
- NOBRE, Itamar de Moraes; GICO, Vânia de Vasconcelos. A imagem como narrativa visual. In: **Discursos Fotográficos** (UEL), Volume 7, Nº 10, 2011.
- PIAULT, Marc Henri. Real e ficção: onde está o problema? In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, Org. **Imagem e Memória: Estudos em Antropologia Visual**. Rio de Janeiro, Garamond, 2001.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Unesp, 2006.
- SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. **Os Homens que Faziam o Tupinambá Moer**: Experiência e Trabalho em Engenhos de Rapadura no Cariri (1945 – 1980). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2007.
- STERNBERG, Hilgard O'Reilly. Não Existe Ainda um Plano para o problema das Secas. 1958. Disponível em: <[http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/quarto\\_livro\\_das\\_secas.pdf](http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/quarto_livro_das_secas.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2012.
- VERÍSSIMO, Elídia Clara Aguiar. O Bestiário Nordeste na Arte da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto. O público e o privado, Nº 2, Julho/Dezembro, 2003.